

ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO: UM ESTUDO DA ÁREA DE MATEMÁTICA DA BNCC

Gilma Alves Ferreira ¹

RESUMO

O presente trabalho é resultado das aprendizagens e preocupações obtidas a partir do Curso de Formação do Programa de Residência Pedagógica desenvolvido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), autarquia vinculada ao Ministério da Educação (MEC), e tem por intuito entender se a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) tem favorecido o processo de alfabetização matemática na perspectiva do letramento. Para isto, iremos discorrer sobre alfabetizar e letrar matematicamente; descrever resumidamente a estrutura da área de matemática da BNCC; e, por fim, discutir o conteúdo da referida área tendo um olhar direcionado para as práticas de letramento propostas (ou não) pela referida base. A metodologia usada foi a pesquisa bibliográfica, na qual utilizamos do trabalho de Magda Soares (2004) para definir o que viria a ser o processo de alfabetização e letramento; Ocsana Sônia Danyluk (1991) para definir alfabetização matemática; e os documentos oficiais do governo, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (2014) e a Base Nacional Comum Curricular (2017) averiguando a forma como é apresentada a alfabetização matemática. Ao fim desta pesquisa podemos concluir que a BNCC não só tem favorecido o letramento matemático a partir da apresentação de definições do termo, mas na estipulação de objetivos e de um currículo voltado ao referido processo.

Palavras-chaves: Alfabetização Matemática, Letramento, BNCC.

INTRODUÇÃO

É inegável hoje, no campo acadêmico, que as crianças já adentram ao ambiente escolar possuindo uma quantidade considerável de conhecimentos, sendo esses frutos dos seus contextos culturais, sociais, econômicos, espaciais, etc. Contudo, algumas escolas têm desconsiderado, durante as práticas pedagógicas, a existência de tais conhecimentos, baseando-se em teorias como o Behaviorismo e o Estruturalismo. Há, também, escolas que reconhecem as bagagens trazidas pelas crianças, no entanto não atribuem nenhuma importância a estas.

O processo de alfabetização matemática pode ser árduo caso o indivíduo não consiga atribuir significância aos conteúdos, tendo em vista que a matemática, em si, é uma ciência

¹ Graduanda do Curso da Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB e bolsista do programa de Residência Pedagógica de Pedagogia. gilmaaf_28@hotmail.com.

hipotético-dedutiva. Os números, as frações e as subtrações estão presentes no cotidiano dos sujeitos, mas não de forma explícita. Até mesmo o ensino da geometria, um campo visível e, em alguns casos, palpável da matemática, pode trazer insegurança ao aluno caso seja desassociado da realidade na qual esse está inserido socialmente.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), mesmo recente, passou a ser a principal norteadora da prática educacional em muitas escolas. Até mesmo partes do documento oficial estão sendo inseridas nos livros didáticos. Assim, compreendendo o poder simbólico que a BNCC exerce atualmente, este estudo tem como objetivo entender se a mesma tem favorecido o processo de alfabetização matemática na perspectiva do letramento.

O interesse pela temática surgiu durante o Curso de Formação do Programa de Residência Pedagógica de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), desenvolvido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), autarquia vinculada ao Ministério da Educação (MEC), no qual foi ministrada uma palestra sobre o processo de alfabetização e letramento matemático.

Para auxiliar na busca por resultados, foi utilizada a metodologia da pesquisa bibliográfica na realização do estudo, tendo como suporte teórico autores como: Magda Soares (2004); Ocsana Sônia Danyluk (1991), e documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (2014) e, principalmente, a Base Nacional Comum Curricular (2017).

O estudo foi dividido em três etapas: a primeira, denominada Alfabetização e letramento no ensino da matemática, irá discorrer sobre o processo de alfabetizar e letrar nas aulas de matemática; a segunda, denominada Breve descrição da área de matemática da BNCC, irá descrever resumidamente a estrutura da área de matemática da BNCC; já a terceira, denominada O enfoque da BNCC em uma alfabetização letrada de matemática, discutiremos o conteúdo da referida área tendo um olhar direcionado para as práticas de letramento propostas (ou não) pela referida base.

METODOLOGIA

A metodologia usada foi a pesquisa bibliográfica. Segundo Lima e Mito (2007), por vezes, a pesquisa bibliográfica é confundida com revisão bibliográfica ou de literatura, contudo “a pesquisa bibliográfica implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório” (LIMA

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

e MIOTO, 2007, p. 38). Logo, a delimitação de um objetivo de pesquisa é de suma importância, inicialmente para guiar a escolha metodológica e, assim, defini-la como sendo bibliográfica e, posteriormente, na própria busca por respostas a problemática inicial.

Fizemos uso dos estudos de Magda Soares (2004) para definir os conceitos de alfabetização e letramento; Ocsana Sônia Danyluk (1991) para definir alfabetização matemática; e os documentos oficiais do governo, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (2014) e a Base Nacional Comum Curricular (2017) para averiguar de que forma é apresentada a alfabetização matemática.

DESENVOLVIMENTO

Alfabetização e letramento no ensino da matemática

A necessidade de remodelar as formas até então existentes de aprender a ler e escrever proporcionou a “invenção” do letramento. Magda Soares (2004), ao explicar a linha histórica do desenvolvimento desse processo de invenção, afirma que o surgimento de tal termo se deu, entre os anos 80, simultaneamente em diversos países, como França, Portugal e, até mesmo, Brasil. Nos Estados Unidos e na Inglaterra, no entanto, o termo já estava presente nos dicionários desde o século XIX, contudo foi também no fim do século XX que o letramento ganhou a devida visibilidade.

A alfabetização passa a ser diferenciada, por alguns autores e teóricos da educação e da lingüística, do letramento, no sentido que, respectivamente, um dos é responsável pelo “processo de aquisição do sistema convencional de uma escrita alfabética e ortográfica” (SOARES, 2004, p. 11) enquanto o outro voltasse para aplicação de tais conhecimentos nas práticas sociais.

O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), assim como alguns autores, não trata diretamente do termo letramento, mas sim de uma “alfabetização num sentido amplo”. Essa seria responsável por garantir que os alunos dos primeiros anos do ensino fundamental não somente leiam e dominem o sistema de escrita alfabético, mas também intervenham, ressignifiquem, apliquem em seu cotidiano social os textos lidos. Sendo, assim, o papel da ação pedagógica proposta é o de “promover condições e oportunidades para que as crianças apreciem e produzam textos que lhes permitam

compreender e se relacionar melhor com o mundo em que vivem e consigo mesmas nesse mundo” (BRASIL, 2014, p. 27).

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1988), “Estar alfabetizado, neste final de século, supõe saber ler e interpretar dados apresentados de maneira organizada e construir representações, para formular e resolver problemas que impliquem o recolhimento de dados e a análise de informações” (BRASIL, 1988, p. 84). Assim, o processo de alfabetização passa a contemplar não somente a área de linguagens, mas também a área da matemática.

Ocsana Sônia Danyluk (1997) define alfabetização matemática como sendo:

um fenômeno que trata da compreensão, da interpretação e da comunicação dos conteúdos matemáticos ensinados na escola, tidos como iniciais para a construção do conhecimento matemático. Ser alfabetizado em Matemática, então, é compreender o que se lê e escrever o que se compreende a respeito das primeiras noções de lógica, de aritmética e geometria. Assim, a escrita e a leitura das primeiras ideias matemáticas podem fazer parte do contexto de Alfabetização (DANYLUK, 1997, p.12)

A matemática, assim como as demais ciências, possui noções básicas. O conhecimento de tais noções irá permitir aos alunos um melhor desenvolvimento quando lhes forem apresentados os conteúdos sistemáticos. Logo, a alfabetização matemática não se trata de ensinar o aluno a resolver problemas utilizando as quatro operações numéricas, mas sim de possibilitar que o aluno compreenda o problema em questão, graças às experiências anteriores com as noções elementares da matemática, interprete e consiga expressar tal aprendizado usando o código escrito e a oralidade.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1988), no primeiro ciclo escolar existe uma sólida relação entre a linguagem matemática e a língua materna, isso porque a língua falada se insere no cotidiano dos discentes anteriormente ao exercício da escrita, assim, conclui-se que é a oralidade que irá nortear a prática do registro. Tendo em vista tal fato, a escrita matemática não deve ser inserida na alfabetização a priori a fala, visto que, dessa forma, o aluno não conseguirá dar sentido a sua produção. A expressão oral no processo de alfabetização matemática se faz indispensável, no sentido que é através da fala e da partilha de conclusões com o grupo que o aluno chegará ao aprendizado das noções e símbolos primeiros da matemática.

O PNAIC (2014) aponta que existe um vínculo entre o aprendizado matemático e forma como os indivíduos irão compreender e elaborar textos, uma vez que a linguagem da referida ciência exata se faz presente nos diversos tipos e gêneros textuais:

os modos de organização, de descrição, de apreciação e de análise do mundo adotados em grande parte das situações que vivenciamos são marcados pelos processos e pelos recursos de quantificação, de ordenação, de medição e de organização dos espaços e das formas que os grupos sociais desenvolvem. Assim, a compreensão dos textos que lemos e a eficiência dos textos que escrevemos dependem também dos conhecimentos que vamos desenvolvendo sobre os processos, os recursos, as representações e os critérios adotados para quantificar e operar com quantidades, para medir e ordenar, para orientar-se no espaço e organizá-lo, para apreciar, classificar, combinar e utilizar as formas. Esse processo ocorre porque os textos refletem a maneira como aqueles que os escrevem se relacionam com o mundo, um modo decisivamente marcado por esses processos, recursos, representações e critérios que se relacionam ao que chamamos de “Matemática” (BRASIL, 2014, p. 29).

É preciso ressaltar que é quase improvável que um indivíduo atinja a maior idade sem conhecer minimamente alguns elementos e noções matemáticas, mesmo que este não tenha passado por um processo de escolarização, haja vista que a própria vivência cotidiana possibilita a referida aprendizagem. Os PCN’s (1988) apresentam que uma criança ao observar o cotidiano e a rotina familiar e participar de jogos e brincadeiras já começa a desenvolver suas primeiras percepções de quantificação, numeração, medição, etc. Assim, até mesmo as crianças que não frequentaram a pré-escola e não tiveram momentos educativos direcionados ao aprendizado das noções matemáticas, adentram a alfabetização tendo conhecimentos válidos a respeito desta ciência.

Os PCN’s (1988) apontam que, apesar das crianças já ingressarem aos primeiros anos do ensino fundamental trazendo bagagens com conhecimentos sobre a ciência exata citada anteriormente, os profissionais de educação não devem “restringir-se a eles, pois é papel da escola ampliar esse universo de conhecimentos e dar condições a elas de estabelecerem vínculos entre o que conhecem e os novos conteúdos que vão construir, possibilitando uma aprendizagem significativa” (BRASIL, 1988, p. 45).

No que diz respeito ao letramento matemático, os PCN’s (1988) apontam onze objetivos que os alunos devem alcançar até a conclusão do primeiro ciclo escolar com o estudo da área de matemática. Já no primeiro objetivo é possível perceber a intencionalidade do documento em direcionar a alfabetização matemática para uma perspectiva de letramento, pois introduz que a criança não deve tão somente ser levada a construir significados sobre os números naturais, mas entender sua aplicação nos contextos sociais.

Os PCN’s (1988) trazem, ainda, implicitamente, a postura criativa, exploratória e investigativa da criança como sendo significativas na aquisição dos objetivos citados para o primeiro ciclo na área de matemática, a julgar pela forma como propõe uma construção do conhecimento matemático baseado na observação, reflexão, estipulação de hipóteses e

utilização dos conteúdos na vivência cotidiana. Assim, é possível compreender que a criança ao fim do processo de alfabetização não somente lê/ouve e resolve os problemas, mas os compreende e interage com eles, aplicando em seus contextos sociais.

A emergência de uma alfabetização na perspectiva do letramento se faz em paralelo com as novas formas de enxergar o processo de aprendizado e o próprio aluno. O ensino descontextualizado das práticas sociais e a visão do aluno como imparcial e apolítico passam a ser ferrenhamente questionados e apresentados pelo que Paulo Freire (1987) chamaria de educação “bancária”:

Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro. (FREIRE, 1987, p. 33)

Paulo Freire (1996) propõe, em contraponto a educação bancária, que o aprender no campo escolar seja exercido criticamente para que assim se desenvolva a curiosidade epistemológica do educando, “sem a qual não alcançamos o conhecimento cabal do objeto” (FREIRE, 1996, p. 13), logo, sem esta também não se alcança todos os objetivos da plena alfabetização.

Breve descrição da área de matemática da BNCC

Assim como nas demais áreas, a parte direcionada ao ensino da matemática também inicia com uma introdução sobre a importância do estudo da disciplina. Narra-se, inicialmente, que a referida área do conhecimento se faz necessária para qualquer indivíduo da educação básica, tendo em vista sua aplicabilidade social. É apontado que o estudo da matemática possibilita a formação de um cidadão crítico e consciente do seu papel social.

A introdução aponta ainda de forma breve os conhecimentos que o aluno deve ser capaz de alcançar durante o ensino fundamental:

No Ensino Fundamental, essa área, por meio da articulação de seus diversos campos – Aritmética, Álgebra, Geometria, Estatística e Probabilidade, precisa garantir que os alunos relacionem observações empíricas do mundo real a representações (tabelas, figuras e esquemas) e associem essas representações a uma atividade matemática (conceitos e propriedades), fazendo induções e conjecturas. Assim, espera-se que eles desenvolvam a capacidade de identificar oportunidades de utilização da matemática para resolver problemas, aplicando

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

conceitos, procedimentos e resultados para obter soluções e interpretá-las segundo os contextos das situações (BRASIL, 2017, p. 163)

A BNCC apresenta oito competências específicas de matemática para o ensino fundamental, detalhando o que já havia sido exibido ainda durante a introdução. Sendo elas: Reconhecer a Matemática como uma ciência humana que contribuiu e contribui até hoje na melhoria da vida social; Desenvolver a racionalidade lógica, o empirismo e a argumentação; Compreender a relação existente entre os campos da Matemática e as outras áreas do conhecimento; Fazer observações de aspectos da prática social de forma que consiga se debruçar sobre estes nas diversas etapas de uma pesquisa; Utilizar do aprendizado da matemática para resolver problemas do cotidiano; Enfrentar situações-problema e registrar o resultado nas múltiplas possibilidades existentes; Desenvolver e/ou discutir projetos através de temas sociais de suma importância, primando o respeito pelo outro; Interagir com os demais, trabalhando em conjunto, respeitando e aprendendo com o coletivo.

São propostas cinco unidades temáticas: Números; Álgebra; Geometria; Grandezas e medidas; e Probabilidade e estatística. Dentro do ensino de cada uma dessas unidades estão inseridas as ideias fundamentais que são indispensáveis no desenvolvimento do pensamento matemático, sendo estas: a equivalência; a ordem; a proporcionalidade; a interdependência; a representação; a variação; e a aproximação.

O texto da área de Matemática traz ainda como proposta que as noções matemáticas sejam “retomadas, ampliadas e aprofundadas” (BRASIL, 2017, p. 274), tendo em vista que cada aprendizagem é um passo no desenvolvimento do aluno. O ensino fragmentado é criticado também neste sentido, pois o aluno deve compreender a relação existente entre as unidades temáticas, permitindo a união do conhecimento teórico com sua prática social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O enfoque da BNCC em uma alfabetização letrada de matemática

Como apresentado na primeira parte desse estudo, a alfabetização na perspectiva do letramento busca favorecer o desenvolvimento inicial das competências matemáticas dos alunos, incluindo oralidade e escrita, para que os mesmos não acabem por se deparar com termos e noções matemáticas durante resoluções de problemas, em uma fase do processo de aprendizado posterior, e os percebam como sendo fora das suas realidades ou simplesmente ininteligíveis.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) busca estabelecer uma referência aos currículos escolares nacionais. Sua obrigatoriedade passou a valer a partir de 2017 com a finalização do documento oficial do ensino infantil e fundamental e exerce forte influência nas práticas escolares e na formação docente nos cursos de licenciatura desde então. Tendo em vista que tal documento é um dos principais norteadores educacionais atualmente, esse estudo busca entender se a referida base tem favorecido ou não uma alfabetização matemática na perspectiva do letramento.

Logo na introdução da área de matemática fica perceptível o compromisso da BNCC (2017) com a alfabetização na perspectiva do letramento matemático:

O Ensino Fundamental deve ter compromisso com o desenvolvimento do letramento matemático, definido como as competências e habilidades de raciocinar, representar, comunicar e argumentar matematicamente, de modo a favorecer o estabelecimento de conjecturas, a formulação e a resolução de problemas em uma variedade de contextos, utilizando conceitos, procedimentos, fatos e ferramentas matemáticas (BRASIL, 2017, p. 264).

O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (2014) não traz o termo letramento. A base, no entanto, não apresenta o termo alfabetização, apenas letramento. As nomenclaturas, no entanto, não interferem na significância totalmente, pois o texto expõe o letramento matemático como sendo a prática da expressão oral e/ou escrita na comunicação, resolução e elaboração de problemas, não fugindo da noção de alfabetização já discutida.

Os estudos do letramento na área da ciência exata já citada aprofundam as discussões trazidas até então pela alfabetização. Assim, além da promoção da expressão, do reconhecimento e do uso das noções matemáticas, a BNCC (2017) apresenta que o aprendizado da matemática deve favorecer a atuação nas práticas sociais:

É também o letramento matemático que assegura aos alunos reconhecer que os conhecimentos matemáticos são fundamentais para a compreensão e a atuação no mundo e perceber o caráter de jogo intelectual da matemática, como aspecto que favorece o desenvolvimento do raciocínio lógico e crítico, estimula a investigação e pode ser prazeroso (fruição) (BRASIL, 2017, p. 264).

Neste entendimento, o conhecimento matemático deve perpassar o campo escolar. O aluno deve ser incentivado a agir sobre os objetos em estudo, com atitude proativa e investigativa, o que Paulo Freire (1996) chamou de curiosidade epistemológica, pois somente assim irá se perceber como ator no processo de aprendizado e reconhecerá a matemática no seu cotidiano.

É demonstrada a forte influência das teorias sobre letramento matemático nas competências específicas apresentadas pela BNCC (2017), visto que os alunos devem desenvolver: capacidade argumentativa; segurança ao expressar conhecimentos sobre a matemática; observação de elementos matemáticos na prática social; investigação e aplicação dos conhecimentos matemáticos no cotidiano e nas resoluções de problemas; sistematização de conclusões através da estatística ou utilizando a língua materna, seja de forma oral ou escrita; compartilhamento e escuta de opiniões; dentre outras competências.

As competências específicas guiam o conteúdo dos objetos do conhecimento e das habilidades que são apresentadas no documento para cada ano escolar. Assim, é apresentado no documento o que cada aluno deve atingir na devida unidade temática e de acordo com sua faixa etária e mesmo sem expor metodologias para aplicação, direciona a construção dos planos de aula dos professores.

No que diz respeito ao letramento matemático, é demonstrado que as competências são atingidas em estágios e que o conhecimento de grande parte das noções básicas da matemática deve acontecer logo no primeiro ano, a exemplo de noções como: mais, menos, mesma quantidade. A BNCC (2017) apresenta ainda, de forma implícita, que o aprendizado não acontece em linha reta e que é preciso sempre retomar os conhecimentos já assimilados pelos alunos. Nos primeiros anos do ensino fundamental, período da alfabetização, “deve-se retomar as vivências cotidianas das crianças com números, formas e espaço, e também as experiências desenvolvidas na Educação Infantil, para iniciar uma sistematização dessas noções” (BRASIL, 2017, p. 274). O professor, ao retomar, não apenas proporciona que os alunos relembrem o que já foi aprendido, mas faz com que os mesmos façam ligações entre os conhecimentos já assimilados e os que estão tendo um primeiro contato.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As formas de conceber o aprendizado da leitura e da escrita têm se alterado nas últimas décadas e permitido que estudiosos e profissionais da educação enxerguem a alfabetização para além do ato de decodificação e codificação dos signos. O aluno, seu contexto, seus conhecimentos e suas vivências passam a ser reconhecidas como significantes no referido processo da escolarização.

A alfabetização matemática busca desenvolver nos alunos a capacidade de expressarem através da oralidade e, também, através da escrita a compreensão dos elementos

e noções matemáticas apreendidas. Tal processo, quando trabalhado em uma perspectiva de letramento, permite ainda aos alunos observarem e utilizarem os aprendizados da referida área em seus contextos sociais.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) tem recebido duras críticas desde o início de sua formulação. Contudo, após a realização do presente estudo, foi possível perceber que a mesma, apesar de possuir pontos negativos, permite uma renovação na forma como a alfabetização matemática é feita nacionalmente. Assim, concluímos que a mesma é de suma importância no contexto atual brasileiro, pois estabelece formas caminhos para que os discentes alcancem o pleno desenvolvimento no que diz respeito ao letramento matemático.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>. Acesso: 15/12/2018.

_____. Secretaria de Educação Básica. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: Apresentação. Brasília: MEC/SEB, 2014. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/antoniomauricio/files/2017/11/0_Apresenta%C3%A7ao_pg001-072.pdf. Acesso: 15/12/2018.

_____. Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Matemática**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro03.pdf>. Acesso: 15/12/2018.

DANYLUK, O. S. **Alfabetização Matemática**: o cotidiano da vida escolar. Caxias do Sul: Educs, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em: <http://forumeja.org.br/files/Autonomia.pdf>. Acesso: 15/12/2018.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo_freire_pedagogia_do_oprimido.pdf. Acesso: 15/12/2018.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de. MIOTO, Regina Célia Tamasso. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica**. Ver Katál. Florianópolis, v.10 n. esp. p. 37-45, 2007. Disponível em: <file:///C:/Users/FOX%20INFORMATICA/Downloads/a0410spe.pdf>. Acesso: 14/09/2019.

SOARES, Magda Becker, (2004). Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, nº 25, p. 5-17, jan-abr. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>. Acesso: 15/12/2018.